

PERCURSOS CRÍTICOS E TRADUTÓRIOS DA NAÇÃO: ARGENTINA E BRASIL

Adriana Silvina Pagano*

RESUMO:

Estudo comparado, à luz do conceito de nação, do discurso tradutório e crítico em dois espaços latino-americanos, Brasil e Argentina.

PALAVRAS-CHAVE: *Discurso tradutório, Nação, Discurso crítico, Brasil, Argentina.*

A especificidade da constituição de duas nações latino-americanas – Brasil e Argentina –, argumenta este ensaio, reveste-se de maior nitidez através da perspectiva comparada que nele se constrói pelo entrelaçamento dos fios do discurso crítico e tradutório.

"Fazer uma nação e fazer uma literatura são processos simultâneos", são as palavras de MIRANDA (1994:33). Compartilhando com Miranda o entendimento da nação, não como espaço e tempo homogêneos, mas em suas intermitências, nas diversidades coexistindo em espaços múltiplos, amplio o escopo do "fazer literário", percorrendo a trilha dos discursos crítico e tradutório enquanto construtores da tessitura das duas nações estudadas. Fazer uma nação, escrever a nação é também traduzir a tradição, é lembrar e esquecer uma filiação, desenvolver uma tradição própria no seio da tradição com a qual se busca romper. Estabelecer uma filiação, escrever a nação – a literatura como signo que vai criando o corpo nacional num tecido de pontos e motivos intrincados.

Revisão do passado, leitura da tradição, a tarefa do crítico literário envolve – como sugerem Ricardo Piglia, Silviano Santiago e Roberto Schwarz, dentre outros –, a releitura dos precursores e do percurso por eles construído

* Doutora em Literatura Comparada, 1996.

para delinear uma tradição. Tradutor de uma tradição anterior, o crítico reinterpreta o passado, inserindo a própria práxis num tecido textual no qual se entrelaçam outros fios discursivos. Nesse processo de reescrita da tradição, seu discurso captura as tensões e ambivalência próprias do conceito de nação, construindo e veiculando representações do mesmo.

Em sua leitura da tradição argentina, PIGLIA (1991) aponta para o "olhar estrábico" que caracteriza essa tradição: olhar para o ventre da nação e olhar para um lugar outro, num movimento ambivalente de deslocamentos bidirecionais. A ambigüidade da nação metaforizada por Piglia é capturada por SANTIAGO (1978) através da representação, também em termos espaciais, do "entre-lugar", onde se cruzam histórias, tempos e tradições. Sob um recorte teórico diferente, SCHWARZ (1992) aponta para a tensão no espaço da nação, povoado por "idéias fora do lugar", produtoras de uma diferença proveniente do deslocamento cultural que gera, por parte do escritor brasileiro, uma "elaboração reflexiva".

Ecoando problemáticas desenvolvidas pelo discurso literário, o discurso crítico elabora uma malha de interpretações à qual também se articula o discurso do tradutor, isto é, sua metalinguagem em prefácios, notas, depoimentos e textos ficcionais.

Leituras da tradução na pós-modernidade brasileira realizadas por VIEIRA (1992 *et seq.*), complementadas pela abordagem de escritores e tradutores no século XIX, realizada por Sérgio Bellei, juntamente com as leituras da nação em sua especificidade brasileira, realizadas por Wander Melo Miranda, permitem elaborar uma malha textual nação-tradução-crítica nas duas nações estudadas: Brasil e Argentina.

Situando-se "nas águas que se movem que são o fluxo de culturas e histórias", VIEIRA (1996:1) trabalha com "as imagens por elas formadas na tradução na (pós)modernidade brasileira e hispano-americana". A partir de fragmentos da história dessas travessias interculturais, prioriza aqueles tradutores e escritores que conferem à tradução o estatuto de recriação e criação, transcendendo binarismos excludentes em direção a uma terceira dimensão que opera no "limiar do doar e receber, que permite a continuidade e a transformação

de um passado". Com base em Deleuze, descreve a dupla captura que informa a visão da tradução em Guimarães Rosa; a metáfora dos vasos comunicantes de Martínez González; o duplo plágio na sua relação com o conceito de "entre-lugar" em Silvano Santiago; o amor e a devoração nos versos e reversos de Augusto de Campos, a transtextualização em Haroldo de Campos; a ruptura e a recomposição dos cacos de uma urna em Guillermo Valencia. (VIEIRA, 1996).

Abordando a questão da filiação sugerida pelo recorte psicanalítico, BELLEI (1992) toma como referencial a angústia da influência. Filiação, ruptura com a autoridade paterna coexistindo com a homenagem a ele são elementos que tecem seu discurso sobre José de Alencar e Machado de Assis como tradutores que desenvolvem uma produção própria no seio da tradição outra à qual se filiam. Reconhecer uma filiação, desfazer o vínculo com o pai são movimentos ambíguos que geram o lugar do escritor brasileiro, como também o do tradutor e crítico.

"Forma de (a)filiação social e textual", (BHABHA, 1990), a nação pode ser abordada, no escopo dos estudos críticos e culturais atuais, como produto de uma construção discursiva legitimada pelo reconhecimento cotidiano de seu estatuto enquanto forma de estruturação social. Essa construção discursiva apresenta, na América Latina, características especiais, associáveis ao processo de formação das nações modernas a partir do século XIX.

A explicitação do jogo relacional entre discursos, sobretudo do entrelaçamento do discurso tradutório com outros discursos que participam dos processos de transferências interculturais, vem ao encontro das propostas elaboradas pelos Estudos da Tradução, no que diz respeito à contextualização das abordagens da tarefa tradutória. Como BASSNETT e LEFEVÈRE (1990:12) assinalam, com a emergência dos Estudos da Tradução, o objeto de estudo passa a ser o "texto em sua inserção na malha de signos das culturas original e receptora". Nesse sentido, a figura do tradutor é analisada como um lugar de enunciação, caracterizado pelo complexo de inter-relações tradutor-tradição literária nacional e estrangeira, tradutor e crítica sobre o nacional, e pelo próprio *entre-lugar* do tradutor.

A comparação Brasil-Argentina, sob a perspectiva do entrelaçamento discurso crítico - discurso tradutório, supõe estar-se atento para a recorrência

de problemáticas específicas de cada uma dessas nações ao longo dos séculos XIX e XX. Estas podem ser consideradas nós discursivos do pensamento sobre o nacional em cada país.

No caso argentino, o entrelaçamento entre discurso crítico e tradutório aponta para diversas tensões que atravessam a tradição literária argentina, decorrentes de projetos de nação conflitantes, que levam à eliminação do índio e do *gaucho*, à proscricção política, ao auto-exílio, à marginalização do imigrante. O espaço simbólico da nação é representado pelo deserto, assinalado como origem discursiva do projeto nacional argentino. (SARLO, 1986). O deserto traduz-se em vazio, tábula rasa a ser preenchida, uma vez que seus habitantes nativos (o índio, o *gaucho*) são apagados no discurso de construção da nação. O vazio do deserto e da memória é transposto pelo olhar dos intelectuais para o próprio âmbito cultural da nação. Frente à falta ou ausência na origem, impõe-se a necessidade de criar um passado, de fundar uma literatura nacional, de traduzir o Outro europeu para inventar o Eu nacional. Com o aparecimento do imigrante, no início do século XX, o deserto é repovoado com a figura do *gaucho*, desta vez enquanto figura mítica e literária, símbolo da origem da nação. Diante de projetos de nação conflitantes, escritores e tradutores, ao longo dos séculos XIX e XX, são deslocados para fora do espaço nacional, lugar a partir do qual refletem sobre a nação, tecendo alguns dos fios que compõem sua tessitura.

Índios, *gauchos*, imigrantes, proscritos, exilados são signos dos diversos deslocamentos que permeiam a construção do discurso sobre o nacional na Argentina. Como dito anteriormente, o deslocamento, capturado pela imagem óptica de Ricardo Piglia, é produto da disjunção que caracteriza o olhar sobre a nação que lançam os intelectuais argentinos, nitidamente presente no discurso de escritores, críticos e tradutores argentinos como Bartolomé Mitre, Juan Cruz Varela, Leopoldo Lugones, Roberto Arlt, Jorge Luis Borges, Julio Cortázar e outros. Para esses escritores, a tradução insere-se no espaço de reflexão sobre a nação, problematizando seu lugar de enunciação, suas fronteiras e sua projeção. O tradutor, como o crítico, traça um percurso para a construção de um projeto de nação futura: traduzir para povoar o deserto, traduzir para criar um passado,

traduzir para recriar uma nação ausente, deslocada e inatural.

Analogamente à construção da nação na Argentina, a tradição tradutória no Brasil também está inter-relacionada com o discurso crítico sobre o nacional. Essa tradição pode ser caracterizada pela sua elaboração do conceito de recriação (vide VIEIRA e BELLEI, acima). A trajetória de outros tradutores brasileiros também mostra uma imbricação com o discurso crítico sobre nação, como é o caso de tradutores que teorizaram a tradução enquanto busca de uma filiação outra, recriando a tradição: Odorico Mendes, Justiniano da Rocha, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, dentre outros.

No discurso crítico brasileiro, comparado ao argentino, desenha-se uma problemática persistente: a mestiçagem ou fusão no espaço nacional, como evidenciado, analogamente aos romances indianistas do século XIX, no discurso crítico de Sílvio Romero, de Gilberto Freyre e de outros, bem como nas metáforas utilizadas pelo discurso crítico para desenhar e explicar a historiografia nacional: o "embranquecimento" ou "escurecimento".

Relacionada com o conceito de fusão, a idéia de que a tradição brasileira tem como ponto original o Barroco também representa um caráter diferencial se comparada à tradição argentina. Nas revisões e demarcações da historiografia literária brasileira, a incorporação do período barroco à história da cultura do país produz uma expansão retroativa da vida nacional para um momento anterior à independência política, por reconhecer no Barroco traços de uma brasilidade já presente nos primeiros séculos da colônia e persistente ao longo dos séculos XIX e XX. À assimilação do Barroco pela cultura nacional, soma-se a incorporação do passado pré-colonial representado pelo indígena, o que permite a construção de uma história que nacionaliza o período pré-independente e apropria-se do marco da colonização portuguesa, tornando-o parte da narrativa nacional. A *Carta*, de Pero Vaz de Caminha, apesar de ser um registro proveniente do olhar do colonizador, é incorporada à história brasileira, e a data de 1500, por via de consequência, é celebrada como marco do nascimento do Brasil.

Já a historiografia literária argentina tende a considerar o período romântico, imediatamente posterior à independência política, como momento no

qual emergem questionamentos específicos da argentinidade. O elemento fundacional do nacional está vinculado à emergência da disjuntiva civilização-barbárie, associada à ditadura de Rosas, na década de 1830. O discurso crítico argentino não trabalha com a categoria do Barroco, poética que tem sido focalizada apenas por alguns historiadores na virada do século XX. O período neoclássico, resgatado como momento relevante para a formação de uma idéia de pátria, está ligado à proposta tradutória do passado greco-latino e sua estética logo conflui para o Romantismo da época de Rosas, momento relevante na formação de um corpus literário, crítico e tradutório. Predomina, dessa maneira, uma postura crítica que estuda a emergência do nacional a partir do conflito que se instala entre o Estado ou poder institucional e os projetos alternativos de nação.

O olhar, a partir de um lugar reflexivo como o brasileiro, permite observar com nitidez, no discurso crítico argentino, a disjuntiva civilização-barbárie, como característica acentuada que permeia os séculos XIX e XX e está presente também no discurso tradutório. Pode-se afirmar que dessa dicotomia decorre a cisão dos lugares a partir dos quais é enunciada a nação: fora da civilização, no pampa bárbaro ou fora da barbárie, no exílio. Nesse sentido, é paradigmático o fato de o *gaucho* ser apontado como origem da nação e, mais especificamente, que *Martim Fierro* seja considerado como texto fundador. Em luta contra o poder institucional, desterrado, a personagem de Martim Fierro reencena, em sua barbárie, o destino de grande parte dos intelectuais que lutaram pela civilização e só lograram resgatar o *gaucho* após sua desapareição.

Do confronto com projetos conflitantes de nação, emergem as diversas modalidades de deslocamento que atravessam a tradição literária argentina. É no espaço desses deslocamentos que o discurso sobre o nacional é construído, embora se apresente fragmentado, incompleto, com espaços vazios e corpos ausentes. A narrativa nacional argentina movimenta-se na dupla perspectiva do desterro, do abandono da terra, e da busca, na terra, de uma ex-tradição.

Se o elemento disjuntivo é o traço que caracteriza a tradição argentina, a tradição discursiva da nação brasileira está permeada pelo conceito de assimilação e recriação: a assimilação de Portugal e seu esquecimento, a integração

do período pré-colonial e colonial à história nacional, a especificidade da tradução enquanto recriação nacional da cultura outra, a expansão das fronteiras espaciais e temporais da nação. Esse gesto assimilador leva ao questionamento da autenticidade e representatividade do nacional, ponto que é debatido até o presente.

A problemática da incorporação do estrangeiro também está presente no discurso crítico argentino, geralmente vinculada à disjuntiva poder-não poder, Argentina visível-Argentina invisível, imitação-originalidade. Frente às argumentações que condenam a incorporação de tradições estrangeiras, consideradas signo de inautenticidade, e associam essa postura a determinados grupos de escritores, a teorização de Beatriz Sarlo e Ricardo Piglia tem mostrado, em décadas recentes, a ubiqüidade dos processos de incorporação e tradução na cultura argentina, presentes, afinal, nos diversos lugares de enunciação, seja nas correntes associadas a uma tendência cosmopolita, seja nos movimentos que rejeitam explicitamente o cosmopolitismo e exprimem uma proposta de cunho "nacionalista".

Como dito anteriormente, tanto na Argentina quanto no Brasil, o discurso do tradutor está entrelaçado com o discurso crítico sobre o nacional. No caso argentino, a metalinguagem tradutória insere-se no discurso de construção de uma nação civilizada e no de combate à barbárie, persistente ao longo do século XIX e sobrevivente ainda no século XX. O discurso do tradutor também está entrelaçado com a postura que discute a estreiteza desse projeto liberal que controla o mercado das trocas simbólicas. Mais significativamente, a metalinguagem tradutória surge, no século XX, como formuladora de uma noção mais ampla de nação, aquela que recria a tradição ocidental e se recria constantemente nesse gesto, como em Borges e Cortázar.

O discurso sobre o nacional no Brasil também registra pontos de contato com o discurso tradutório que apontam para o gesto de recriação presente nos tradutores e escritores brasileiros. Marcos no caminho traçado são a elaboração do entre-lugar da tradução e da criação (José de Alencar); o diálogo fluido com o texto estrangeiro (Justiniano da Rocha, Paula Brito); a tradução como

crítica e produção da diferença (Machado de Assis); a traição da memória que permite recriar o Brasil (Mário de Andrade); o jogo lúdico e criativo com o próprio e o estrangeiro (Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida); a tradução *inter* e *intratextual* que relê a tradição nacional e ocidental (Haroldo e Augusto de Campos); a indagação dos espaços *inter* e *intra* da nação (Guimarães Rosa).

Um estudo comparativo com a tradição tradutória argentina demonstra que há, no caso brasileiro, a presença marcante dos conceitos de recriação, de apropriação, de abasileiramento da tradição universal e universalização da tradição brasileira. Adicionalmente, a historiografia da tradução no Brasil evidencia um mapeamento mais adensado e significativo da tradução, diante da cartografia ainda fragmentada e dispersa da tradução na Argentina.

Dentre as analogias que a abordagem comparativista também ressalta, observamos que, em ambos esses espaços, Brasil e Argentina, a construção da nação procura alicerçar-se a partir da busca de filiação com um passado e de afiliação de todos ao projeto nacional. Traduzir os clássicos greco-latinos e as obras canonizadas pela cultura ocidental representa um gesto de formação de um legado de obras que irá juntar-se ao patrimônio da nação. A tradução dessas histórias fornece um modelo no qual a nação vai desenhando sua própria trajetória. Trata-se, como SÜSSEKIND (1994) assinala, de "projetos épicos" através dos quais as nações emergentes criam um passado. Daí os movimentos conjuntos de *tradução* das epopéias clássicas e *produção* de epopéias nacionais, e de posteriores *traduções* de romances modernos e *produção* de romances que ofereçam uma leitura da nação, ora projetando uma narrativa que permita ver a história enquanto continuidade articulada das partes, ora questionando os modelos e discursos redutores do nacional.

Juntamente com a tradução dos clássicos greco-latinos, momento comum às tradições argentina e brasileira, ambas as nações vivenciam, a partir do Romantismo, um movimento tradutório dos escritores românticos europeus que se estende até o início do século seguinte. Nos dois casos, fala-se de uma devoção a escritores como Victor Hugo e Byron, manifestada através de citações, de criações inspiradas nesses poetas e traduções. A escolha de tais escritores como

objeto de admiração e recriação é correlacionada por críticos, como Antonio Candido, à imagem do herói romântico, lutador por uma causa nacional, com a qual se identificam escritores e tradutores na Argentina e no Brasil.

Um outro momento análogo que ambas as nações compartilham é o movimento editorial e tradutório que se dá entre as décadas de 30 e 50 do presente século, momento em que o contexto editorial mundial favorece o desenvolvimento dos mercados latino-americanos do livro. Tanto no Brasil quanto na Argentina, a expansão das empresas editoras dá-se coetaneamente com a expansão do mercado das traduções. Nesse momento áureo da tradução, a escolha de textos a serem transpostos evidencia um forte predomínio da literatura anglo-americana, juntamente com os romances modernos em geral – já constituídos em clássicos modernos – e a reedição de alguns dos clássicos greco-latinos.

A expansão editorial e tradutória tem como contrapartida um redesenho das fronteiras da nação, mais nítido no Brasil, onde coexiste com a interiorização das fronteiras do nacional. Na Argentina, há uma especificidade de expansão das fronteiras do nacional, nas décadas de 40 e 50, período de tradutores exilados, como Cortázar em Paris, não devido a um projeto de nação, mas pelas vicissitudes políticas.

O discurso literário também pode ser considerado na comparação dos percursos críticos e tradutórios argentino e brasileiro, especialmente no que diz respeito à interface ficção-tradução. Espaço ainda pouco trilhado e de grande potencial para futuros estudos, a presença de uma metalinguagem tradutória na ficção revela aspectos significativos do entrelaçamento dos discursos crítico e tradutório na Argentina e no Brasil. Focalizando apenas textos nos quais há uma presença explícita da tradução, podemos observar a presença de reflexões sobre os processos de tradução em autores como José de Alencar, Machado de Assis, Rodolfo Walsh e Julio Cortázar. É significativa a presença do tradutor enquanto protagonista do enredo ficcional, uma vez que sua experiência tradutória o leva a refletir sobre a complexa rede de significantes que entram em jogo nos contatos interculturais.

A tradução evidencia-se como espaço da ficção para os escritores e tradutores argentinos. Lembremos, por exemplo, dos tradutores nas ficções borgianas,

o tradutor oprimido retratado por Rodolfo Walsh e os tradutores latino-americanos de Cortázar, que vivem e relêem a história a partir de um lugar *deslocado e inatual*. No Brasil, a tradução emerge como espaço da prática e da teorização a partir de uma metalinguagem, o que também não se pode generalizar. Cite-se, por exemplo, alguns tradutores ficcionais: o personagem Seixas e suas recriações de Byron, expressas numa nova língua a partir da dor pessoal (no romance *Senhora de José de Alencar*) e o compositor Pestana e os processos de recriação que operam nos escuros becos da memória (no conto "Um homem célebre", de Machado de Assis).

A construção da nação na Argentina e no Brasil, como o contraponto acima mostra, apresenta uma especificidade que aflora nos discursos crítico e tradutório, ambos, por sua vez, interligados com o discurso literário. O potencial enriquecedor dos estudos comparados que, como ressalta CARVALHAL (1992:25), reside em sua capacidade de revelar "certos elementos que dificilmente seriam apreendidos se o estudo tivesse sido conduzido no interior de uma só literatura" contribui para a explicitação de formas específicas através das quais duas nações elaboram o caráter não homogêneo da nação e suas fronteiras fluidas. Os discursos crítico e tradutório, como a comparação mostra, são sensíveis às ambigüidades próprias do conceito de nação e captam, como os depoimentos de escritores, críticos e tradutores o deixam entrever, as tensões inerentes à escrita da história nacional. Na comparação das trajetórias individuais traçadas para a Argentina e o Brasil, são descortinadas novas perspectivas que contribuem para a compreensão das duas nações estudadas e para reflexões genéricas sobre a nação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASSNETT, S., LEFEVERE, A. (Ed.) *Translation, history and culture*. London & New York: Pinter Publishers, 1990.
- BELLEI, S. *Nacionalidade e literatura: os caminhos da alteridade*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.
- BHABHA, H. K. (Ed.). *Nation & narration*. London & New York: Routledge, 1990.
- CARVALHAL, T. F. Le Brésil et la littérature comparée. *Revue de Littérature Comparée*, n.1, p.19-28, jan-mars 1992.
- MIRANDA, W. M. Nações literárias. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.2, p.31-38, maio 1994.

- PAGANO, Adriana Silviana. *Percursos críticos e tradutórios da nação*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 1996. 355 p. (Tese, Doutorado em Literatura Comparada).
- PIGLIA, R. Memoria y tradición. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 2, 1990, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 1991, v.1. p.60-66.
- SANTIAGO, S. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978. O entre-lugar do discurso latino-americano, p.11-28.
- SARLO, B. En el origen de la cultura argentina: Europa y el desierto. Búsqueda del fundamento. In: SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE LITERATURA COMPARADA, 1, 1986, Porto Alegre, *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 1986. p.15-21.
- SCHWARZ, R. *Ao vencedor as batatas*. 4.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992.
- SOUZA, E. M. A crítica literária e a tradução. In: SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE LITERATURA COMPARADA, 1, 1986, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 1986. p. 181-186.
- SÜSSEKIND, F. O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro. In: PIZARRO, A. (Org). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial, Campinas: UNICAMP, 1994. p.451-485.
- VIEIRA, E. R. P. Fragmentos de uma história de travessias: tradução e (re)criação na pós-modernidade brasileira e hispano-americana. *Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, CEL/UFMG, v.4, p.61-80, out. de 1996.
- VIEIRA, E. R. P. (In)visibilidades na tradução: troca de olhares da ficção, semiótica e pós-estruturalismo. *Com Textos*, n. 6, p.50-68, 1995/96.
- VIEIRA, E. R. P. A postmodern translational aesthetics in Brazil. In: SNELL-HORNBY, M., POCHHACKER, F., KAINDL, K. (Ed.) *Translation studies: an interdisciplinary*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1994. p.65-72.
- VIEIRA, E. R. P. *Por uma teoria pós-moderna da tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1992. 265p. (Tese, Doutorado em Literatura Comparada).